

AO LEITOR

Por enquanto, poucos intelectuais, na Terra, são suscetíveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de "mortos". Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literária, no mundo, nunca deixei transparecer qualquer laivo de crença, nesse sentido. Apegando-me ao resignado materialismo dos meus últimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentais do Além-Túmulo, não tive coragem de enfrentá-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque e Coelho Netto, receioso do fracasso de que deram testemunho, como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomenicas da doutrina, onde os espíritas sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arrojados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, à força de sacrifícios e abnegações, acabaram suas atividades descobrindo um novo

continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos.

Dentro da sinceridade que me caracterizava, não perdi ensejos para afirmar as minhas dúvidas, expressando mesmo a minha descrença acerca da sobrevivencia espiritual, desacorçoado de qualquer possibilidade de viver além dos meus ossos e das minhas celulas dentes...

É verdade que os assuntos de Espiritismo seduziam a minha imaginação, com a perspetiva de um mundo melhor do que esse, onde todos os sonhos das criaturas caminham para a morte; sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração de homem triste, sepultado nas experiências dificeis e dolorosas. Os livros da doutrina eram para o meu espirito como soberbos poemas de um idealismo superior do mundo subjetivo, sem qualquer feição de realidade prática, onde afundava as minhas faculdades de analise nas ficções encantadoras; suas promessas e a sua mística de consolos eram o brando anestesico que conseguira aliviar muitos corações infortunados e doloridos, mas o meu era já inacessivel á atuação do sedativo maravilhoso e o pior enfermo é sempre aquele que já experimentou a ação de todos os específicos conhecidos.

Em 1932, um dos meus companheiros da Academia de Letras solicitou a minha atenção para o texto do "Parnaso de Além-Tumulo". As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originaria nessa antologia dos mortos, através da mediunidade de Francisco Xavier, o caixeteiro humilde de Pedro Leopoldo, impressionando os condescendentes das expressões estilares da lingua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra de Augusto de Lima, com respeito ao facto insolito, mas o meu grande amigo esquivou-se ao assunto, afirmando:

— "Certamente, entre as novidades de minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo Barão de Munkausen."

A verdade, porém, é que pude atravessar as aguas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. É incontestavel que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da sobrevivencia. A visita de um "morto", na maioria das hipóteses, constitue sempre um facto inoportuno e desagradável. Para os vivos, que pautam a sua existencia no pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno e temos de acomodar os imperativos da logica ás concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me frente

ao leitor, com um livro de crônicas de além-tumulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária à determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressalvando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olympio. A lei já não cogita mais de minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam uma séria ameaça á tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estomago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O medium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangélica do "dai de graça o que de graça recebestes" e a Federação Espírita Brasileira, instituição venerável que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade pública, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitáveis finalidades sociais, pela sua assistência aos Necessitados, pelo seu programa cristão, enfim, cheio de renúncias e abnegações santificadoras.

Aí está o livro com a minha lembrança humilde. Que ele possa receber a bênção de Deus, constituindo um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo onde vivi sobre a Terra.

Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bungalow subterrâneo e a sentença clara da justiça celeste. Quanto aos espíritos superiores da crítica contemporânea, cristalizados nas concepções da época, que esperem pacientemente pelo Juizo Final, com as suas milagrosas revelações. Não serei eu quem lhes vá esclarecer o entendimento, contando quantos pares de meia usei em toda a vida, ou descobrindo o número exato de seus anos, através de mesas festivas e alegres. Aguardem com calma o toque de reunir das trombetas de Josaphat.

HUMBERTO DE CAMPOS

25 de Junho de 1937.